

APRESENTAÇÃO

Maria Luísa Ribeiro Ferreira

Universidade de Lisboa

Fernanda Henriques

Universidade de Évora

Ao anunciar-nos o aparecimento da revista *ex æquo* a APEM sugeriu que a equipa de investigação de *Uma Filosofia no Feminino* assumisse a organização do primeiro número. Aceitámos com agrado o convite que muito nos honrou, não só por contribuir para a divulgação do nosso projecto mas também por acentuar uma tónica que entendemos essencial em investigações deste tipo: o trabalho em regime inter e pluridisciplinar, tal como vem referido no texto do editorial.

Uma Filosofia no Feminino é uma investigação inter-disciplinar que desde 1997 decorre no Centro de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sendo a partir de Janeiro de 1999 subsidiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A pesquisa inclui um leque considerável de pessoas, de áreas tão diversificadas quanto a antropologia, a sociologia, a teologia, a história, a psicologia, a literatura, a medicina e a filosofia. As investigadoras e investigadores são oriundos de diferentes universidades nacionais e estrangeiras incluindo também gente do ensino secundário e bolseiros, como é política do Centro. O envolvimento do grupo tem sido deliberadamente desigual, caracterizando-se por contributos ocasionais circunscritos à participação num Colóquio até ao trabalho regular de investigação partilhada em seminários. A liderança pertence inquestionavelmente à filosofia, quer por se tratar de um projecto do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, quer por ser a abordagem da temática da mulher e do feminino no registo da tradição filosófica ocidental o primeiro e o mais importante objectivo da investigação.

O despoletar do projecto partiu de uma provocação/desafio lançado pela RDP antena 2. Ao promover uma série de conferências sobre temáticas filosóficas contemporâneas (hoje publicadas no volume *Filosofia pela Rádio*, Lisboa, Centro de Filosofia /RDP antena 2, 1998) levantou-se a interrogação “Por que será que não há mulheres filósofas? Por que é que as mulheres não fizeram (ou não fazem) filosofia?” O confronto com esta questão e a necessidade de lhe responder (veja-se no citado volume a entrevista “A Filosofia no Feminino”) constituiu-se como primeiro momento de um trabalho de longo fôlego. A consciência da inverdade da pergunta, considerada desde logo como capciosa, levou-nos também ao reconhecimento do vazio do saber sobre esta questão. De facto, embora os estudos sobre as mulheres no nosso país tenham tido um desenvolvimento crescente desde finais da década de 80, a investigação na área da filosofia é praticamente inexistente. Esta situação estimulou-nos para definir o presente projecto e investir nele.

Com o objectivo de tornar conhecidas certas vozes inexplicavelmente silenciadas — as vozes das filósofas — desenhou-se uma proposta de trabalho, aberta

à colaboração de investigadora(e)s que se dispusessem a considerar como filósofas, e, portanto, revestidos de dignidade filosófica, determinados problemas em que a temática da mulher e do feminino ocupassem um lugar central. O ritmo dos trabalhos processou-se em dois tempos: o da investigação, mais moroso e contínuo e o do debate, mais incisivo e circunscrito, permitindo o confronto de perspectivas e o aprofundamento e consolidação de tendências divergentes. De facto (e ainda bem) a equipa de investigação tem uma constituição bastante divergente, surgindo entre os seus membros pontos de vista quase opostos que vão do feminismo radical até posições pouco definidas, havendo mesmo colaboradora(e)s para quem estas questões são marginais em relação ao seu campo de investigação fundamental.

No momento presente a investigação processa-se em *três linhas*. A primeira tenta perceber o sentido da questão formulada inicialmente "Por que não há mulheres filósofas?". Tomando-a como uma pergunta séria e aceitando jogar no mesmo registo que levou à sua formulação, procurou responder-lhe de um modo convincente. Os estudos desenvolvidos levaram à conclusão que os filósofos têm sido fortemente responsáveis pela secundarização das mulheres na filosofia. Por um lado porque afastaram durante muito tempo as mulheres do espaço público onde a filosofia se desenvolveu; por outro porque tenderam a pensar a mulher como intelectualmente menor e pouco orientada para as práticas filosóficas; finalmente porque os quadros conceptuais que construíram e dentro dos quais filosofaram nem sempre eram adequados ao modo feminino de ser e de pensar que o processo histórico foi determinando. Assim, considerámos imperativo que um grupo se dedicasse a descobrir *O que os filósofos pensam das mulheres*. E o resultado até agora foi a publicação de um volume, com o mesmo título, editado pelo Centro de Filosofia. Lançado em Novembro de 1998, o livro integra o contributo de doze colaboradora(e)s e debruça-se de um modo não exaustivo sobre alguns nomes sonantes da história da filosofia. Platão, Aristóteles, Tertuliano, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Espinosa, Hobbes, Descartes, Hume, Rousseau, Kant, Russell, Lévinas e Foucault foram relidos com novos olhos por especialistas que habitualmente não os tinham considerado sob este enfoque. É sem dúvida a linha mais trabalhada, mas de modo algum concluída, pois outros pensadores continuam a ser estudados nesta perspectiva, não com o intuito de neles detectar uma possível misoginia mas sim visando problematizar a coerência interna dos seus sistemas, tentando repensar os mesmos em função da questão do feminino.

A segunda vertente investigativa continua a tentar responder à questão provocatória "Por que não há mulheres filósofas?" tentando agora mostrar a sua incorrecção e contestar definitivamente a sua validade. O seu objectivo é publicitar/divulgar as mulheres filósofas, mostrando não só que foram bastantes ao longo do tempo mas também analisando a especificidade dos seus textos. É uma investigação já bastante adiantada, cujos resultados pensamos publicar ainda este ano, num volume que hipoteticamente terá como título *As mulheres também fazem filosofia*.

A terceira linha de investigação considera como filósofa a temática da mulher e do feminino, analisando e discutindo os conceitos de escrita feminina, natureza feminina, pensamento feminino e outros semelhantes. Os contributos

vêm de vários ramos do saber mas há uma mesma finalidade que os dirige: a problematização de uma filosofia no feminino, considerada enquanto específica nas suas vertentes ética, estética, epistemológica e ontológica. É um trabalho ainda em gestação, liderado por um núcleo de base e desenvolvido quer em seminários alargados quer em sessões restritas.

Um dos marcos iniciais desta investigação, foi o *Colóquio Uma Filosofia e o Feminino* que se realizou na Faculdade de Letras da UL nos dias 26 e 27 de Novembro de 1998. Embora a tónica dominante fosse filosófica tratou-se de um colóquio interdisciplinar. Para além de uma introdução comum a todos os grupos, relativa aos "estudos sobre mulheres" as comunicações distribuíram-se por quatro grandes temáticas, trabalhadas paralelamente em locais diferentes. A primeira secção organizou-se à volta do tema *A natureza feminina*: (1) sexo/género/ser/natureza; (2) o discurso /escrita /pensamento femininos. A segunda secção atendeu ao modo *como os filósofos pensaram as mulheres* e foi designada com esse título. A terceira secção debruçou-se sobre escritoras, pensadoras e filósofas, sendo intitulada *O que as mulheres pensaram*. A quarta secção disse respeito à *representação do feminino na cultura ocidental* (na filosofia, na história, na teologia, na literatura, no direito, na arte, na educação).

O presente número integra grande parte dos textos da referida quarta secção que considerámos ser a que mais directamente responde aos objectivos mencionados no editorial. Com os textos seleccionados procurámos dar uma visão abrangente, diversificada e multi-disciplinar do modo como a mulher e o feminino têm sido pensados na nossa cultura. Devido à sua natureza temática, organizámos-os de acordo com a estrutura que passamos a apresentar.

Os dois primeiros contributos são de cariz epistemológico. O de Regina Tavares da Silva, "Estudos sobre as mulheres em Portugal: um olhar sobre o passado", identifica os aspectos mais relevantes na evolução dos estudos sobre as mulheres em Portugal, particularmente a partir dos anos 80. O de Maria Beatriz Nizza da Silva, "Os estudos sobre as mulheres: a difícil interdisciplinaridade", apela para a necessidade de congregar investigações paralelas no âmbito das Ciências Sociais e Humanas.

O segundo bloco diz respeito à questão das representações sociais e integra três textos. Com "A volatilização da maternidade e a materialização da paternidade", Virgínia Ferreira reflecte sobre alguns dos efeitos das novas tecnologias reprodutivas nas concepções actuais da maternidade e da paternidade e, consequentemente, nas representações da natureza feminina e masculina. Em "Sexo e género: algumas notas epistemológicas para a análise da mentalidade no séc. XIX", Ana Costa Lopes parte dos conceitos de sexo e género e analisa as implicações dos mesmos no campo da educação e da vida intelectual da mulher no séc. XIX. Ana Vicente, em "A representação da mulher portuguesa em viajantes estrangeiros dos secs. XVIII e XIX", considera alguns relatos de viagem de estrangeiros a Portugal, na época em causa, com o intuito de confrontar os hábitos nacionais e os estrangeiros, particularmente no que respeita ao relacionamento entre os sexos.

O artigo de Maria Leonor Xavier "As mulheres e as heresias aos olhos de um português do séc. XVI" centra-se no texto de um autor português do séc. XVI —

Álvaro Gomes — no qual o tema da mulher é considerado a propósito das posições heréticas dos albigenses. O registo dominante é o da metafísica e o da teologia o que faz deste texto uma passagem adequada para os dois que se seguem, onde estas temáticas continuam a ser centrais. Em “Exaltação ou submissão? Modelos de mulher no discurso oficial da igreja Católica Romana”, Teresa Toldy analisa imagens da mulher nos textos do Magistério da Igreja, fazendo um balanço das concepções antropológicas subjacentes ao discurso oficial e concluindo pela visão crítica professada a estas concepções pela teologia feminista. Também Manuela Silva em “A teologia feminista cristã e a representação do feminino na cultura ocidental contemporânea” aborda a temática da teologia feminista cristã ilustrando os seus contributos mais relevantes para a representação da mulher.

O último bloco temático encara as questões educativas do ponto de vista do género. Ana Paula Rias em “O ensino em discurso feminino: o caso singular das regentes escolares” debruça-se sobre a profissão de regente escolar, criada no Estado Novo. A partir de documentos da época tenta desvendar percursos femininos significativos de um passado recente. Em “Caminhos e encruzilhadas da co-educação”, Teresa Pinto considera o estado actual do desenvolvimento da Igualdade de Oportunidades rapazes/raparigas no que se refere à educação, tecendo as suas considerações a partir de uma tematização do próprio conceito de co-educação.

A terminar, três resenhas sobre obras de inquestionável interesse para a temática dos estudos sobre as mulheres. Os livros recentemente publicados de Sylviane Agacinski (*Politique des Sexes*), de Maria José Magalhães (*Movimento Feminista e Educação. Portugal, décadas de 70 e 80*) e de Teresa Martinho Toldy (*Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*), são sujeitos à apreciação crítica, respectivamente de Maria Luísa Ribeiro Ferreira, Fernanda Henriques e da Irmã Julieta.

Esperamos que o conjunto dos artigos que integram este primeiro número da *ex æquo* contribua para o aprofundamento e para o alargamento dos estudos sobre as mulheres em Portugal, estimulando a criação de novos textos e de novas problematizações.